

**TOMIE OHTAKE** ★ 1913 + 2015

# A despedida da pintora que evitou a linha reta

Tomie Ohtake morre, aos 101 anos, pintando um mundo feito de curvas

Antonio Gonçalves Filho

Ela pintou até o último minuto de sua longa existência, 101 anos completados em 21 de novembro do ano passado e comemorados com uma exposição de pinturas monocromáticas na galeria carioca de sua marchande Nara Roesler, que representa a pintora Tomie Ohtake desde 1986. Sua obra inclui não só pinturas e gravuras, como esculturas de grande porte em várias cidades do País e no Japão. Uma das primeiras foi instalada na Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro. Chamada *Estrela da Manhã*, a escultura flutuante em aço amarelo provocou polêmica entre os cariocas, mas ficou lá entre 1985 e 1990, até ser retirada para reforma e desaparecer. Entre as obras públicas mais conhecidas de Tomie Ohtake em São Paulo estão o

**BUSCA OBSESSIVA DA LUZ SE FEZ POR MEIO DAS CORES EM SEU TRABALHO**

de arte que o homem produziu com ela, em especial a divisão ortogonal das telas na obra de Mondrian. Embora não comunhasse do neoplasticismo do holandês, ela termina sua carreira usando, curiosamente, as três cores primárias – azul, amarelo e vermelho – das telas neoplásticas de Mondrian, além do branco. Foi a primeira vez que Tomie pintou telas totalmente monocromáticas, admitindo a dificuldade que foi enfrentar a autonomia da cor. Enquanto Mondrian tentou conter a expansão cromática com linhas pretas ortogonais, ela fez o caminho inverso, apostando na acumulação marmélica para libertar a cor dos limites do suporte.

No caso de Mondrian, havia uma questão teosófica que o acompanhou desde a infância e marca profundamente sua

obra – a contenção da sensualidade da cor. Tomie, ao contrário, não era uma mulher religiosa, embora tenha educado seus filhos em colégios católicos por entender que deveria criar Ruy e Ricardo, diretor do Instituto Tomie Ohtake, conforme a religião dominante no país que adotou aos 23 anos. Dona de casa até os 39 anos, ela só começou a pintar depois que os meninos se formaram.

Sua primeira tela é de 1952. Ela é vista na foto maior da primeira página do *Caderno 2*, revelada quando Tomie preparava, então, sua derradeira mostra. A pintura é uma natureza-morta com flores, um



pouco à maneira dos pré-impressionistas, embora na época a artista tivesse poucas informações sobre história da arte. Foi retratando paisagens da Mooca, onde morava e, posteriormente, trocando informações com os artistas japoneses do grupo Seibi, criada em 1935, que Tomie se formou pintora. Até a passagem da figuração para a abstração, nos anos 1960, foi menos motivada pela eclosão do movimento concreto e da 1.ª Bienal do que pela intuição de Tomie. Ela dizia que foi observando os objetos de sua casa que concluiu ser a forma concreta pura abstração.

Muitos consideram as primeiras pinturas abstratas de Tomie, especialmente as realizadas nos anos 1960, seus melhores trabalhos, mas o fato é que formas voltavam com certa frequência na carreira da pintora, especialmente as dos arcos e cápsulas, que transmitem ao espectador certa leveza e elevação espiritual. Avesa à racionalização, ela enfrentou a ditadura da arte conceitual, nos anos 1960, apresentando uma série de “pinturas cegas”, feitas com os olhos vendados, ampliando depois seu repertório para outras técnicas – gravura, escultura – com o objetivo de aprimorar a própria pin-

tura, como ficou provado na última exposição, em que o acúmulo de tinta tenta conquistar o espaço tridimensional.

A influência da cultura japonesa é nítida nas formas sintéticas de Tomie, mas o fato é que as “pinturas cegas”, que exaltam o escotoma, o ponto cego do olho, incapaz de detectar a luz, se tornou uma obses-

são para a pintora, que fez da cor um veículo para chegar à iluminação – nos dois sentidos. Com o aprimoramento de sua técnica e o contato com a arte de estrangeiros que conheceu em suas andanças por bienais internacionais – e ela participou de várias, inclusive a de Veneza –, Tomie foi refinando o gosto, ficando impressionada com a pintura de Rothko e Patrick Heron, pouco lembrado quando falam da pintora, mas um dos seus favoritos. Tomie, além de tudo, tinha sensibilidade poética. Fez com Haroldo de Campos um álbum de gravuras que é uma obra-prima e, hoje, uma raridade.



**NA WEB**

Galeria. Veja fotos e vídeo sobre obras da pintora

[estadao.com.br/e/tomie](http://estadao.com.br/e/tomie)

## Síntese oriental marca uma produção versátil

Ordem geométrica tem o mesmo peso do informal numa obra que muitos associam à filosofia zen do dizer muito com pouco

Maria Hirszman  
ESPECIAL PARA O ESTADO

Tomie Ohtake marcou definitivamente a arte brasileira da segunda metade do século 20 e primeiras décadas do século 21, mantendo-se ativa até o fim da vida. Nascida em Kyoto, no Japão, Tomie veio para o Brasil em 1936, com 21 anos, e acabou ficando por aqui. Casou-se, teve dois filhos, Ruy e Ricardo Ohtake. Começou a pintar tardiamente, em 1952, depois do término do casamento.

Como poucos, Tomie conseguiu romper a barreira que costuma separar a criação contemporânea do grande público, tornando-se ao mesmo tempo uma artista respeitada pela crítica e admirada e reconhecida pelo grande público e sendo referência não apenas na área da pintura, mas também dedicando-se à gravura e escultura.

Avesa a grupos e movimentos e com uma formação praticamente autodidata, suas obras são marcadas por uma

pesquisa permanente, quase obsessiva, de questões próprias à pintura – como a investigação da cor, da textura e da estruturação geométrica e lírica do espaço. Seus primeiros trabalhos, do início dos anos 1950, se inseriam todavia no campo da figuração. Paisagens delicadas, mas já claramente estruturadas por tramas geométricas, com um certo toque naïf e uma evidente relação com artistas em destaque no período, como Alfredo Volpi.

Uma de suas telas desse período mostra uma paisagem urbana distante, que pode ser vista de uma tomada elevada, por entre as árvores. Trata-se claramente de uma geometrização da natureza, que pouco a pouco vai se radicalizando até a completa dissolução da aparência do mundo em elementos

“

Minha obra é ocidental, porém sofre grande influência japonesa, reflexo de minha formação. Esta influência está na procura da síntese: poucos elementos devem dizer muita coisa”

sintéticos de trama, textura, movimento. A partir do final dos anos 1950, período que marca o auge da abstração informal no Brasil, Tomie abraça de forma resoluta o abstracionismo, sem, no entanto, aderir ao tachismo, à busca da expressão pela sobreposição de manchas e gestos, como seu conterrâneo Manabu Mabe. A artista parece sempre buscar um equilíbrio suave entre contenção e expressão; parece estar “dosando em partes quase iguais a razão e a emoção”, como escreve Olívio Tavares de Araújo.

**Poucos elementos.** Dentre as várias fases exploradas pela artista – que passam das formas mais definidas e dos campos imantados de cor e textura, nos anos 1960, para contenção formal quase minimalista da transição para os anos 1970 e para a explosão de cores, formas e transparências, com um forte toque de sensualidade, que vão invadir sua produção nas duas décadas subsequentes –, uma questão das questões que parece sempre perturbar a crítica é o fato de a pintura de Tomie, tão claramente alinhada com as pesquisas construtivas, formais, trazer tanto do mundo real. As belíssimas “pinturas ce-



**Campos de cor.** Um trabalho pictórico recente, de 2008

gas”, feitas pela artista com os olhos vendados em busca de uma expressividade genuína, remetem a grandes incêndios; a forma como trata a dissolução do pigmento na água, em busca de um controle quase impossível sobre a matéria, traduz uma busca incessante por uma transparência diáfana. Trata-se, como bem definiu o amigo e crítico Miguel Chaia, de uma síntese fascinante entre geometria e informalismo, que “situa-se no entrecruzamento de uma dupla e paradoxal relação entre arte e natureza: por um

lado, afasta-se da natureza, não buscando representá-la imediatamente e reconhecendo as regras próprias da arte; por outro lado aproxima-se dela ao tomar como referência unidades e padrões naturais que são transformados em signos plásticos estruturados do espaço pictórico”.

Tal aspecto é absolutamente perceptível, por exemplo, nas obras de caráter mais público da artista: as grandes esculturas que realizou nos anos 1980 e 1990 no Rio de Janeiro e em São Paulo. Impossível não asso-

ciar a grande estrutura metálica que ela cria para o centro da Lagoa Rodrigo de Freitas com a forma tentacular de um polvo ou de uma estrela; ou não adotar imediatamente o apelido de as “ondas de Tomie” para suas grandes estruturas em concreto armado instaladas na 23 de maio, diante do Centro Cultural São Paulo (CCSP).

Muitos procuram explicar a obra da artista, nascida em 1913, por meio da filosofia zen. Há evidentemente uma sintonia entre sua pesquisa e elementos importantes dessa escola oriental, como a ênfase dada à síntese, à contemplação, à meditação. No entanto, a própria Tomie, em uma de suas raríssimas declarações, procura relativizar a importância dada à sua origem: “Minha obra é ocidental, porém sofre grande influência japonesa, reflexo de minha formação. Esta influência está na procura da síntese: poucos elementos devem dizer muita coisa. Na poesia haikai, por exemplo, fala-se do mundo em 17 sílabas”.

Num estranho paradoxo, essa artista intuitiva, que trabalhava tenazmente e sempre foi muito ativa socialmente, falava muito pouco. E não apenas porque tinha dificuldades com a língua portuguesa. No entanto, expressava-se muito, seja no equilíbrio buscado em suas telas, seja no volteio sedutor de suas últimas espirais de metal. Na falta de palavras, Tomie falava pelo gesto delicado, caloroso, e pelo olhar. Falava pelos olhos e para os olhos.